

# Identidades étnico-raciais em perspectiva subjetiva: notas sobre cartas escritas por estudantes de literatura.

## Ethnic-racial identities in a subjective perspective: notes on letters written by literature students

Vima Lia de Rossi Martin<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** O artigo apresenta fragmentos de cartas escritas por estudantes no contexto da disciplina Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa II do curso de graduação em Letras (FFLCH-USP). Os trechos selecionados permitem observar como alunas e alunos se autorrepresentaram do ponto de vista étnico-racial e relataram experiências de sofrimento subjetivo. Também é possível constatar como as leituras e discussões realizadas em sala de aula reverberaram positivamente no sentido de favorecer processos de elaboração, reflexões antirracistas e desejo de engajamento social.

**ABSTRACT:** The article presents excerpts from letters written by students in the context of the course Comparative Studies of Portuguese Language Literatures II in the undergraduate program in Letters (FFLCH-USP). The selected passages allow us to observe how female and male students self-represented themselves from an ethnic-racial standpoint and reported experiences of subjective suffering. It is also possible to ascertain how the readings and discussions conducted in the classroom had a positive impact in fostering processes of elaboration, anti-racist reflections, and a desire for social engagement.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidades étnico-raciais; processos de subjetivação; ensino de literatura; educação antirracista.

**KEYWORDS:** ethnic-racial identities; subjectivation processes; literature teaching; anti-racist education.

### 1. Uma experiência em sala de aula

---

<sup>1</sup>Possui bacharelado e licenciatura em Letras/Português pela USP (1992), mestrado e doutorado em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela USP e pós-doutorado pela Universidade Federal Fluminense (2015) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2021). Desde 2003 é professora da Universidade de São Paulo.

A educação é um campo fundamental na luta contra o racismo. E, num país estruturalmente racista como o nosso, ganha importância incontornável: em sua dimensão simbólica, pode promover a desconstrução de estereótipos e preconceitos e contribuir para a autoestima das pessoas negras; e, em sua dimensão material, pode favorecer a aquisição do capital cultural necessário para a inclusão social.

Como professora branca da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do curso de Letras da USP, tenho buscado trabalhar em uma perspectiva feminista, antirracista e inclusiva. Tenho procurado estimular, em sala de aula, a construção de um espaço em que as diferenças sejam reconhecidas e as pessoas possam ler e escrever, falar e ser escutadas em sua singularidade. Para tal, a psicanálise tem sido uma companheira importante, auxiliando na percepção e no acolhimento dos afetos que circulam durante os encontros com os estudantes. Também o uso de estratégias pouco convencionais, como a leitura coletiva de textos literários em sua integralidade (inclusive de textos mais longos), a realização de rodas de conversa, a escrita de autobiografias de leitor/a, a escrita de relatos e a troca de cartas, têm contribuído para que a literatura seja apropriada como experiência, auxiliando processos de conhecimento de si e de abertura para a alteridade.

Neste texto, apresentarei fragmentos de cartas escritas por alunas/os da disciplina de graduação intitulada “Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa II”, ministrada por mim durante o primeiro semestre de 2022. Ao longo de quatro meses, bastante desafiadores depois de dois anos de aulas remotas, buscamos constituir, em encontros semanais de uma hora e meia, um espaço de diálogo em que fosse possível compartilhar, num clima de confiança e de respeito

---

pela diferença, opiniões, dúvidas, incertezas e emoções. Para tal, a empatia e a escuta, exercitadas coletivamente, foram primordiais.

Para contextualizar as produções discursivas destacadas aqui, vale dizer que o objetivo central da disciplina é focalizar as relações literárias estabelecidas entre o Brasil e os países africanos colonizados por Portugal e, para tal, foi proposto tanto o estudo de textos literários africanos que fazem referência ao Brasil e à cultura brasileira, como também de textos literários brasileiros que compõem o repertório da chamada literatura afro-brasileira ou negro-brasileira. Assim, foram lidos poemas de autores angolanos, moçambicanos e cabo-verdianos e também poemas e textos em prosa de autores e autoras brasileiras afrodescendentes. Também foi proposta a leitura de textos teórico-críticos para sustentar discussões sobre temas como colonialismo, escravidão, nacionalidade, independência, ancestralidade, racismo, branquitude, resistência, transgressão, oralidade, entre outros.

A disciplina privilegiou, assim, o estudo de textos situados à margem do cânone tradicional — majoritariamente composto por obras escritas por homens brancos, cisgêneros e heterossexuais. Nesse sentido, buscou contribuir para a construção de um imaginário pautado na diversidade e para a percepção de que sujeitos social e culturalmente situados, com posições diferentes na hierarquia social — a depender da intersecção dos marcadores de classe, gênero, raça e orientação sexual — veem e escrevem o mundo a partir de perspectivas que iluminam modos singulares de existência e formas específicas de expropriação, dominação e exclusão — e maneiras de resistir a elas.

As cartas foram escritas por estudantes de duas turmas como trabalho final de curso. Cerca de 60 alunas e alunos do período noturno foram convidados a responder uma carta minha que celebrava os encontros presenciais, apresentava

comentários sobre o contexto de retomada das aulas e sobre a proposta e o andamento da disciplina. A carta solicitava ainda que fossem tecidas considerações sobre as aprendizagens realizadas e as experiências compartilhadas com o grupo.

Os fragmentos escolhidos e apresentados nas próximas seções permitem observar como alguns estudantes, que se auto-identificaram, representaram a si mesmos do ponto de vista étnico-racial e relataram experiências de sofrimento subjetivo. Também é possível constatar como as leituras e discussões realizadas com as turmas reverberaram positivamente no sentido de favorecer processos de elaboração, reflexões antirracistas e desejo de engajamento social.

## 2. Corpos racializados e sofrimento psíquico

No Brasil, a violência do racismo é um trauma constitutivo da nacionalidade. Em nosso processo formativo, a ideologia do branqueamento, criação das elites brancas tornada política de Estado a partir do final do século XIX, dividiu negros e mestiços, alienando o processo de constituição identitária de ambos. Também o mito da democracia racial, difundido sobretudo por Gilberto Freyre em meados do século passado, é narrativa essencial para a compreensão do racismo estrutural que organiza as relações sociais brasileiras e se perpetua institucionalmente.

Por conta de nossa história colonial, escravocrata e das condições atuais de repartição dos bens públicos, as desigualdades raciais articulam-se com as condições socioeconômicas. Como bem aponta Fúlvia Rosemberg, "um grande percentual dos negros é pobre, e uma grande parcela dos pobres, negra." (ROSEMBERG, 2017, p.131). Isso significa que raça e classe se interseccionam na configuração dos preconceitos e da discriminação dirigidos às pessoas negras. Também a condição de gênero, outro importante marcador social da diferença,

---

ganha relevo na formação desigual da sociedade brasileira. Nas palavras de Lélia Gonzales, para quem o racismo é um sintoma da neurose cultural brasileira, "a articulação [do racismo] com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular." (GONZALES, 2020, p.76).

Isildinha Baptista Nogueira lembra que, para a psicanálise, a inscrição psíquica do corpo se faz de maneira fantasmática, a partir de vivências arcaicas de despedaçamento e experiências fundadoras de identificação (NOGUEIRA, 2021, p.97). Nesse sentido, discute como corpos negros e brancos, numa sociedade estruturalmente racista, produzem vivências psíquicas singulares. No caso dos corpos negros, trata-se de vivências forjadas no desejo do que seria ser branco, condição impossível que pode, no limite, levar a uma dissociação narcísica. Assim, o estranhamento de si, as dificuldades de auto-reconhecimento, a vergonha e os processos autodestrutivos são recorrentes na experiência subjetiva das pessoas negras.

Os quatro fragmentos de cartas transcritos a seguir ilustram algumas consequências subjetivas do racismo. Nos três primeiros, as/os autoras/es discorrem sobre sua própria identidade racializada, expondo dificuldades de pertencimento (especialmente por serem pessoas cujo fenótipo evidencia mestiçagem) e experiências de sofrimento. Sua leitura confirma a ideia de Kabengele Munanga de que, no Brasil, não há uma identidade mestiça consolidada. De fato, segundo o autor, o ideal de branqueamento faz com que negros, mestiços e pardos aspirem à brancura para fugir das barreiras raciais que impedem sua ascensão socioeconômica e política. Em suas palavras:

Se, do ponto de vista biológico e sociológico, a mestiçagem e a transculturação entre povos que aqui se encontraram é fato

consumado, a identidade é um processo sempre negociado e renegociado, de acordo com os critérios ideológicos-políticos e as relações de poder." (MUNANGA, 2004, p.118).

Já no quarto fragmento, uma aluna branca relata o seu mal-estar ao constatar as injustiças que estruturam as relações sociais e raciais no Brasil e questiona o mito da meritocracia. Os trechos destacados em negrito dão destaque aos termos escolhidos por cada um/a para expressar a incidência do racismo em suas existências.

A leitura do conjunto revela que, em um país miscigenado como o nosso, em que as ideologias e práticas racistas tiveram — e ainda têm — grande alcance, o racismo, enquanto neurose coletiva pautada na fantasia perversa de que a humanidade é constituída por seres superiores e seres inferiores, nos adocece a todos, pessoas negras e pessoas brancas.

#### Quadro 1 - Cartas transcritas

Inês, 44 anos, parda

Sou uma mulher parda e **digo que sofrer racismo dói**, ver que suas experiências negativas de cunho racial podem ser tratadas de modo jocoso por outros indivíduos que fazem parte de uma mesma parcela populacional é triste e, no meu caso, **causa-me um auto-recolhimento, pois não sou clara demais para declarar-me branca, nem escura demais para declarar-me negra. Tenho vontade de reunir as duas parcelas dessa contenda num lugar sossegado e pedir-lhes que interajam entre si e cheguem logo a uma conclusão, sabe? Pois eu mesma cansei de gastar saliva com ambos os lados.**

Júlia, 21 anos, negra

Até **hoje tenho dificuldade de me colocar como uma mulher negra nos espaços em que frequento**. Tenho **medo** de me afirmar negra perto de um negro que se sinta ofendido por isso, pela minha cor de pele ser mais clara. Já ouvimos uma candidata à vereadora (Letícia Parks, da Bancada Revolucionária), por exemplo, ser chamada de “clarinha do turbante”. Contudo, realizei a leitura de um texto da grandíssima Sueli Carneiro, que afirmava a identidade dos negros de pele clara e o interesse da branquitude de afastar essa classe de pertencimento. No podcast em que ela participou, Mano a Mano, mediado pelo Mano Brown, também há uma fala em que ela afirma, a partir de repertório pessoal, que os negros de pele clara são a grande maioria de vítimas quando há massacres e assassinatos policiais.

Guilherme, 30 anos, não-branco

Sou alguém lido pela nossa sociedade quase sempre como branco (ou como não-racializado), mas filho de um relacionamento interracial, de uma família pobre e periférica, **em busca de entender — sempre — onde me posiciono e me encaixo, neste mundo complexo e fraturado, em todas as áreas subjetivas e objetivas que temos para explorar e nos (auto)figurar**. Digo isso apenas para afirmar que as discussões do curso acerca deste tema e, ainda, sobre ancestralidade da cultura africana, sobre literatura e crítica, entre outros, foram enriquecedoras para meus processos de elaboração internos e particulares sobre pensar o “eu”.

Ana Carla, 25 anos, branca

**Vivo dentro de um corpo branco, reconheço meus privilégios**. Nasci, cresci e me mantenho numa bolha econômica de classe média brasileira, por mais que tente (tentemos) nos distanciar do típico estilo de vida tacanho, mesquinho e egoísta que geralmente define a classe. Recuso, ou tento recusar, fechar os olhos ao que acontece ao meu redor. Não quero ceder ao falso conforto de acreditar que o Brasil é o meu apartamento alugado. Que a minha vida de assalariada, cada vez mais precária, é o padrão do que temos nesta porção de terra. Sei da miséria ao meu redor, as vejo não só da janela, mas caminhando pela cidade. Entretanto, sei que o caminho é apenas uma passagem e que, no final do dia, hei de retornar à minha casa. **Sei que minha pele branca me trouxe muitos privilégios desde o colégio e que, se hoje estou aqui, a tentar um novo caminho, não é por uma força extraordinária, muito menos por simples mérito. Não há meritocracia em sociedades desiguais. Talvez, também por isso, minha mente de tempos em tempos me traia e padeça e meu corpo, num movimento de acolhimento à dor, se compadeça**.

Fonte: MARTIN (2023, *grifo da autora*).

### 3. Ler, escrever e simbolizar

bell hooks, no livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, discute o potencial transformador das práticas pedagógicas dialógicas, baseadas na valorização dos laços intersubjetivos, da presença dos corpos em sala de aula e do entusiasmo gerado pelo esforço coletivo de professores e estudantes.

Inspirada por ela, e também pelas propostas de mediação de leitura explicitadas por Michèle Petit especialmente na obra *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, tenho proposto às turmas com que tenho trabalhado a formação de comunidades leitoras. Nesse coletivo constituído na sala de aula, as maneiras de

ler, compreender e interpretar variam segundo as aptidões individuais, e as dinâmicas grupais e os modos de apropriação dos textos são frutos de criação colaborativa. Assim, a partir de jogos de significação estabelecidos a partir do texto e com os demais leitores que participam da conversa, a capacidade de simbolização dos participantes é estimulada com a realização de associações entre palavras, imagens e afetos. Nessa proposta, meu papel, enquanto leitora especializada, é conduzir e mediar o diálogo, oferecendo contribuições teóricas e metodológicas, e promover formas de participação horizontais, responsáveis e acolhedoras.

Nas cartas que escreveram, alunas, alunos e alunes falaram sobre seus aprendizados ao longo do semestre, destacando como a leitura dos textos literários provocou o incremento de reflexões e mobilizou deslocamentos subjetivos. Como pode ser observado nos fragmentos transcritos a seguir, as experiências relatadas sugerem a ocorrência de processos de simbolização e de movimentos de desalienação.

#### **Quadro 2 - Cartas transcritas**

Fernanda, 21 anos, não-branca

As discussões sobre identidade e ancestralidade nas aulas me fizeram refletir sobre o meu lugar como mulher que é tida em alguns lugares como negra, em alguns como parda, em outros como branca, mas que nunca se sentiu de fato integralmente pertencente a nenhum desses três — a este último, aliás, nem um pouco.

As aulas de ECLLP me fizeram retornar a uma certa busca interna por um espaço que me acolha como sujeito sócio-histórico que partilha de experiências em comum com uma minoria que é diariamente massacrada pelo Estado. E espero que esse seja apenas o começo desse processo.

Júlia, 21 anos, negra

Às quartas, sempre estava presente na aula de Estudos Comparados, sala 161 da Letras. Cansada, mas presente e feliz, pois o espaço dessa matéria, os assuntos e também todo o arcabouço crítico foram os que mais me atravessaram durante todo o curso superior. Uma mulher negra (e que descoberta tardia essa, só lá pelos meus 15 anos comecei a me enxergar assim, *afrobege rrs*), periférica e pobre, aprendendo um pouco sobre o processo de emancipação



de países de um continente colonizado e todas as trocas entre Brasil e países africanos. Esse processo de emancipação, coletivo, poderia significar algo individual!!

Tudo me tocou. Cada texto discutido em classe. Nada passava batido e a cada aula eu conseguia conectar experiências individuais a experiências coletivas apresentadas e discutidas em classe. Acho que nunca dei tantas opiniões ou fiz tantas falas em aulas na universidade. Busquei até leituras de ficção voltadas à temática do racismo e, durante o semestre, parei tudo para ler *O avesso da pele* (Jeferson Tenório) e *Nós matamos o cão tinhoso* (Luís Bernardo Honwana). Leituras fortes e significativas para o momento que estava vivendo.

#### Marcela, 21 anos, negra

Para finalizar a carta, gostaria de retomar o poema “Vozes mulheres”, de Conceição Evaristo. Essa foi a minha leitura favorita do curso, me lembro de finalizar a leitura do poema completamente em prantos. Havia um forte sentimento de proximidade com o relato do poema, parecia que Conceição estava falando comigo, retratando a minha família.

O ponto central do poema é a relação dessas mulheres com a sua ancestralidade. A primeira estrofe retrata a voz da bisavó escravizada, a segunda estrofe ecoa a voz da avó, obediente “aos brancos donos de tudo”, a voz da mãe aparece no “fundo das cozinhas alheias”, já a do eu-lírico ecoa “com rimas de sangue e fome” e a sua filha recolhe em si todas as outras vozes. Estas mulheres são marcadas pela escravidão e o racismo aparece em diferentes momentos da história. A criança escravizada dá lugar à empregada negra, moradora da favela, que está sempre em posição de servidão ao homem branco. Mas é na voz da filha que encontramos a vida-liberdade, ela rompe com o ciclo de servidão à branquitude. Ela ecoa o grito silenciado e amordaçado de sua bisavó, avó e mãe. A imagem que se constrói ao longo do poema é de luta e resistência dessas mulheres.

#### Letícia, 27 anos, branca

Neste semestre, senti que minha “anteninha” ficou ligada o tempo todo para o assunto que tratamos na nossa disciplina. Inclusive, pessoalmente falando, tenho tentado escolher minhas leituras com mais intenção, para não cair naquela coisa de sempre acabar com um livro de um homem branco europeu ou estadunidense na mão. (...) Como pessoa branca, sinto que é meu dever buscar me informar e me conscientizar cada vez mais, além de dar a devida importância para autores que falam coisas que eu posso apenas imaginar, que evidenciam pontos que, para mim, podem tranquilamente passar despercebidos e que, sobretudo, sentem, na prática, toda uma dimensão diferente das sensações e experiências que eu vivencio no meu dia a dia. (...)

Dizer que estou “encantada” talvez possa soar estranho, quando o assunto é pesado e carregado de uma carga histórica intensa e, muitas vezes, pejorativa. Mas digo “encantada” no sentido de reconhecer minha própria ignorância e, nela, uma oportunidade de aprender. Uma oportunidade para me distanciar o máximo possível da branquitude e conseguir ajudar, como puder, na militância e na resistência, sem, contudo, tirar a voz das pessoas negras.

Fonte: MARTIN (2023).

## 4. Só de estarmos discutindo sobre aquilo já me era motivo da grande felicidade

Para finalizar, escolhi reproduzir uma passagem da carta escrita por uma aluna negra de 21 anos, Luísa, na qual ela articula dimensões pessoais e sociais do racismo.

Ler seu texto me faz renovar a aposta em propostas de cursos pautadas na pedagogia crítica, conforme defende bell hooks, e em práticas de leitura compartilhada, na esteira do proposto por Michèle Petit. A jovem fala a sobre a sua dificuldade, e a de tantas outras pessoas, de afirmarem seu pertencimento étnico, e fala também sobre o medo de se valer das cotas raciais no processo de ingresso na universidade. Aponta, ainda, a importância do grupo Racionais MC's na constituição de sua identidade racial, explicitando como a literatura pode oferecer metáforas para a construção e a reconstrução de nossa subjetividade. Seu depoimento — lícido, espontâneo, entusiasmado — é, também para mim, *motivo de grande felicidade*.

### Quadro 3 - Cartas transcritas

Luísa, 21 anos, negra

Ninguém me contou que sou negra. As pessoas, obviamente, sofrem com o racismo estrutural, mas ele não é falado. Quantos e quantos negros eu conheço que não se declaram negros! Conheci pelas andanças da vida um motorista de Uber que sofreu racismo uma vez – a passageira se recusou a entrar em seu carro por ele ser negro. E sabe o que ele me diz, abismado? “E eu nem sou negro! Meu pai sim é negro, ele é muito mais escuro que eu, mas eu não sou.”

Desde pequena fui denominada morena. Tive medo de usar as cotas raciais no Sisu e ser denunciada por fraude, pelos meus traços brancos. A Sueli Carneiro postou em seu Twitter o seguinte, um dia: “Cada negro claro ou escuro que celebra sua mestiçagem ou suposta morenidade contra a sua identidade negra tem aceitação garantida. [...] Esses são os discursos politicamente corretos de nossa sociedade”. Aceitar minha morenidade foi um passe-livre para eu sofrer diversas formas de preterimentos racistas sem entender, até eu conhecer Racionais Mc's.

Conhecer Racionais foi um divisor de águas em minha identidade racial e minha visão de mundo num geral. Como mencionei timidamente em aula uma vez, Mano Brown ter se intitulado

pardo, e mesmo assim entender que ele é transpassado por racismo e violência classista (“Eu num li, eu não assisti / Eu vivo o negro drama / Eu sou o negro drama / Eu sou o fruto do negro drama”, como canta o artista na música Negro Drama), fez-me enxergar meu lugar no Brasil. O lugar da literatura afro-brasileira no Brasil, como tematiza de maneira tão adequada o texto “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, do professor Eduardo de Assis Duarte. Abri meus olhos também para esse tipo de literatura, marginalizada em meio aos cânones acadêmicos. Desde o início da minha entrada na graduação desperta-se cada vez mais meu desejo em estudar essa literatura negra brasileira.

Portanto, espero que eu me faça explícita no quanto eu fiquei exaltada quando você me entregou em mãos o programa do curso. O tanto que fiquei entusiasmada ao conhecer negros e negras que falam português como eu, lutando por sua independência enquanto nação, enquanto etnia, enquanto indivíduo, militância negra e anticapitalista que a gente não houve falar sempre. Eles têm muito a dizer, e eu, pouca coragem. Meus olhos marejavam com as leituras enquanto eu estava sozinha. Na sala de aula, ouvia você declamar os poemas e ficava embasbacada. Olhava ao redor, e vinha uma espécie de decepção. Poucas pessoas na sala poderiam entender como eu estava me sentindo. *Mas sem desesperança, um passo de cada vez, não é? Só de estarmos discutindo sobre aquilo já me era motivo de grande felicidade.*

Fonte: MARTIN (2023).

## Referências bibliográficas

GONZALES, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: LIMA, M. e RIOS, F. (Org.) *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *A cor do inconsciente*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROSEMBERG, Fúlvia. "Psicanálise e relações raciais". In: ABUD, C. et alli. (Org.) *O racismo e o negro no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

Recebido em 28/04/2023

Aceito em 28/05/2023